

DARWIN E A EVOLUÇÃO

O prestigioso matutino paulista “*O Estado de São Paulo*” publicou em seu Suplemento “*Cultura*” de 4 de abril de 1982 artigo de autoria de Gilles Lapouge sobre Darwin e a Evolução. A Folha Criacionista transcreve alguns trechos do referido artigo, que comemora o centenário da morte de Darwin, destacando aspectos de interesse para seus leitores:

A meta de Darwin era refutar a doutrina das criações especiais, aquela que predominava na época, e que explicava que o universo e seus habitantes tinham sido criados por Deus e que todas as espécies estavam contidas na Arca de Noé.

... Darwin vai bem longe em suas conclusões. Em seu livro fundamental “A Origem das Espécies”, publicado em 1859, ele pinta painéis da evolução que nos deixam perplexos, pois, de acordo com ele, qualquer espécie pode produzir qualquer outra. “Não vejo dificuldade alguma, proclama ele temerariamente, no fato de que uma raça de ursos, o urso negro, por exemplo, graças à sua seleção natural, torne-se cada vez mais aquática em sua estrutura e em seus hábitos, com uma goela cada vez maior; até que seja produzida uma criatura tão monstruosa quanto uma baleia”. A bem dizer, Darwin compreende, mais tarde, que fora um pouco longe demais e, nas edições posteriores de “A Origem das Espécies”, a transformação do urso negro em baleia desaparece.

... Ora, a teoria de Darwin é claramente materialista. Ele exclui Deus da criação. Não lhe admite papel algum na criação das espécies e, aliás, estas espécies não existem. Apenas leis físicas e químicas dentre as leis materialistas levam em conta a ordem das coisas, e Darwin rejeita a Bíblia.

Eis por que durante muito tempo ele dá a impressão de não ser um teórico, mas apenas um observador do vivo. Darwin observa os animais, as plantas, descreve o que vê, mas não tem nenhuma idéia em mente. Não defende nenhuma ideologia. Darwin deseja fazer crer que ele é um escravo da ciência e que, portanto, se uma teoria deve algum dia resultar daí, decorrerá da observação dos fatos, e não antes disso. Se esta teoria for mecanicista e anti-religiosa, não será absolutamente culpa de Darwin, mas das coisas. Que é que Darwin poderia fazer?

Esta é a artimanha empregada por Darwin. Ele dissimula que, na realidade, partiu de uma ideologia e organizou suas observações no arquivo teórico, ideológico, que tinha em mente. Era sábia esta precaução: se Darwin tivesse tido a ingenuidade de proclamar suas teorias, sua metafísica, o mundo todo teria duvidado de suas observações. Ele passaria por um materialista sujo, não por um cientista. Darwin estava tão consciente de sua artimanha que não hesita em dar conselhos nesse sentido a alguns de seus amigos cientistas. Escreve a um deles: “Que a teoria guie suas observações, mas, se desejar que sua reputação não seja afetada, fique bem atento a não publicar muitas coisas sobre sua teoria, isso faria com que duvidassem de suas observações”.

... Devemos acrescentar o seguinte: como toda grande ofensiva da ciência, a teoria da evolução está duplamente envolvida em ideologia. Por um lado, o próprio Darwin confessa que a sua visão materialista precedeu a coleta dos fatos. Por outro, porque há cem anos o darwinismo alimenta outras teorias, outras ideologias que extraem do darwinismo justificativas para sua filosofia ou metafísica.

... O darwinismo, há um século, serve de justificativa teórica a muitos pensamentos racistas ou elitistas. Vejamos apenas alguns exemplos. Desde o tempo que em que Darwin era vivo, se assiste a este desvio. Darwin tem um primo, um biólogo curioso e muito inteligente, Galton. Este Galton tem uma mania: adora contar, é apaixonado pelos números. Um dia um pintor faz seu retrato e, ao final, ele consegue dizer quantas pinceladas foram necessárias para concluir a obra. Galton concebe também um método para calcular o talento de um orador, contando o número de movimentos feitos por seus ouvintes. Ele também conta os homens, inclusive os selvagens, ainda que em certos casos, como por exemplo entre os hotentotes, tenha tido dificuldade, pois os hotentotes são muito cruéis, sendo difícil aproximar-se deles, tanto que Galton tem que contá-los com o auxílio de um sextante. Mas este Galton, que é darwinista (ainda que se afaste de Darwin, pois se este pensa que a evolução é contínua, que a natureza não dá saltos), antecipa as teorias modernas segundo as quais existem grandes mutações bruscas. Galton, portanto (que é, seja dito de passagem, o inventor do método dos “testes” e da antropometria), extrairá efeitos calamitosos do darwinismo.

Galton sustenta este raciocínio: por que a ciência não assumiria o papel da natureza na seleção dos indivíduos mais dotados? Galton deseja transformar as sociedades num imenso laboratório no qual seriam aprimoradas as raças, exatamente como o fazem os criadores dos “Pigeons Club”. A questão residiria em “fazer

com previdência, rapidez e benevolência aquilo que a natureza faz cega, lenta e impiedosamente” Inútil descrever as conseqüências de semelhante idéia, que é conhecida sob o nome de “eugenismo” e antecipa os sonhos mais detestáveis de Hitler.

Na verdade, Darwin traz em si boa parte das teorias racistas, se bem que ele tenha sido completamente avesso a qualquer espécie de racismo. No entanto, para sua teoria, ele fora obrigado a estabelecer uma hierarquia entre as diversas expressões da vida, já que tinha de distinguir certos caracteres mais vantajosos que outros, certas espécies mais aperfeiçoadas que outras. E estendera essas classificações aos próprios homens, o que era legítimo a partir do momento em que o homem é reintegrado ao tecido genérico da vida, rebaixado ao nível de animal, hierarquia esta que se resume assim: animais inferiores, animais superiores, selvagens, civilizados, E, em “A Descendência do Homem”, Darwin não teme afirmar que, em certos animais superiores descobrimos qualidades físicas, e mesmo morais ou estéticas, superiores àquelas que encontramos em certos homens selvagens.

Outro caso ilustra os venenos camuflados no seio do darwinismo. É o de Konrad Lorenz, prêmio Nobel e merecidamente considerado um dos grandes etólogos da modernidade.

Lorenz e as teorias de Darwin

Ora, Lorenz, que apela constantemente a Darwin, foi um defensor da seleção artificial e dos ideais racistas, sob Hitler. Em 1940, bem jovem ainda, ele publica um artigo incrível que fala de seleção, de pureza racial e até mesmo de eliminação dos seres moralmente inferiores. É bem verdade que, depois, Lorenz não tem mais discursos tão crus, mas, no fundo, seu pensamento não variou muito. É ele que transpõe este perigoso umbral epistemológico: ele pretende, justamente graças ao darwinismo, estender ao homem as leis do reino animal, o que faria da biologia a única verdadeira ciência do homem, uma ciência ao mesmo tempo moral, política, etc. “O que a biologia ensina”, escreve ele, “constitui o único fundamento sobre o qual podemos estabelecer opiniões sadias sobre a Humanidade e suas relações com o universo”. Ora, o que dirá a biologia, o estudo do comportamento dos animais? Que as raças existem, que as espécies e os indivíduos se aprimoram graças à seleção, enfim, que descobrimos, em todo o mundo animal, a luta pela vida, a hierarquia, o triunfo dos mais fortes e uma perpétua agressividade. Naturalmente Lorenz sabe muito bem que não podemos mais, depois de Hitler e alguns outros, ter semelhante linguagem, de modo que ele sempre toma o cuidado, no final de suas obras, de inserir uma conclusão que pregue o amor ao próximo, o exemplo de Jesus Cristo e os poderes da razão, o que não impede que, no fundo, sua argumentação caminhe “pari passu” ao racismo, à seleção, à força. E tudo isso baseando-se muito legitimamente na teoria de Darwin.

Na verdade, percebemos aí toda uma corrente, chamada de darwinismo social, que, sob o pretexto de aplicar à sociedade dos homens as leis descobertas por Darwin, carrega as idéias mais cruéis daquele tempo (R. L. Trivers, R. Dawkins, E. O. Wilson) com, às vezes, finalidades diretamente políticas como essa Frente Nacional da Grã-Bretanha, abertamente de extrema direita e, ao mesmo tempo, darwinista.

A Seleção Natural e o Progresso

Não passaremos por todas as teorias que estão bastante próximas. Um exemplo, no entanto, merece ser citado, pois é aquele de um grande cientista, MacFarlane Burnett, prêmio Nobel em 1960, e cujos programas provocam arrepios. O eixo deste pensamento é que a seleção natural não mais funciona corretamente nas sociedades civilizadas, por toda espécie de razões, indo do progresso da medicina até esta peste que é o espírito democrático. “Podemos calcular”, explica ele, “que, desde a evolução dos primatas até o final do período dos caçadores, colhedores, quase 90% dos descendentes gerados morriam antes de atingir a idade da reprodução. Ao contrário, nas sociedades ocidentais - que azar! - as crianças não morrem muito mais. Apenas 5% das crianças, uma verdadeira miséria, morrem. Esta súbita retração da função de triagem própria da seleção natural deve levar a um acúmulo de indivíduos que podemos chamar inferiores de acordo com as normas correntes relativas à saúde, inteligência e agressividade”.

O Bondoso MacFarlane preocupa-se mais ainda porque os indivíduos inferiores têm, regra geral, mais rebentos que a elite, e porque mediocres se espalham sobre o planeta em detrimento dos dotados, com a promessa, no final, de uma degenerescência da raça.

Porém Burnett não se contenta em fazer esta constatação. Ele procura remédios, e aí então, pensamos estar sonhando. Burnett começa por descartar a solução nazista, pois, explica ele, “as medidas racistas ainda são passíveis de anátema”. Estamos impregnados dos ideais democráticos, respeitamos um pouco a vida humana. Então, o que fazer? Sem dúvida controlar de muito perto a reprodução, de maneira a bloquear o aumento do número de indivíduos deficientes. Isto é o suficiente? Não, pois o número de indivíduos inferiores é tal, hoje, que não podemos impedi-los todos de procriar. Devemos então ocupar-nos também dos deficientes já vindos ao mundo. Burnett constata que “é provavelmente impossível, hoje, utilizar um meio legal para matar visando à proteção de uma sociedade”. Os cidadãos têm repugnância a encarar o assassinio legal para renovar a raça. Portanto, só resta uma solução: “O internamento perpétuo, seja numa prisão, seja num hospital”. Estes internamentos, associados a outras técnicas como a lobotomia, a castração, o eletrochoque, os hormônios, os lítios e os grandes tranquilizantes talvez pudessem salvar a espécie de sua degenerescência. Poderíamos continuar infinitamente a desfiar os sonhos insensatos de MacFarlane. Eles seriam monótonos, pois caminham todos, em suma, na mesma direção. Quisemos apenas mostrar quem é este homem, por uma dupla razão: ele leva o darwinismo social a suas últimas conseqüências, que são, aliás, bastante lógicas e, por outro lado, ele não é um charlatão mas sim um grande cientista.

Estes exemplos bastam para demonstrar que a teoria evolucionista de Darwin, tida há cem anos como revolucionária e progressista, a tal ponto que Marx e, principalmente, Engels, saudaram-na com entusiasmo, contém, no entanto, estranhas lições e pode avalizar as mais reacionárias, as mais arcaicas, as mais desprezíveis das ideologias. Claro que, em todos os casos, trata-se de desvios, de interpretações exageradas ou mal-intencionadas, mas, ainda assim, alguns germes destas interpretações jazem no fundo do darwinismo.

Podemos pelo menos após tê-lo purgado de seus valores ideológicos, considerar o darwinismo, no plano científico, irrefutável, irrefutável? A enorme estátua permanece intacta, ou fendas e rachaduras percorrem seu mármore? Semelhante questão é um sacrilégio. Assim como proclamar que Newton é um brincalhão ou que as leis da hereditariedade de Mendel desbotaram. No entanto, em 1981, a revista inglesa “Nature”, cuja seriedade e incontestável, fazia esta extravagante pergunta: “Darwin morreu uma segunda vez?” E uma longa polêmica extraçalhava a comunidade científica do mundo inteiro para julgar as chances de sobrevivência do Darwinismo.

Não entraremos em todos os meandros do darwinismo. A querela toda começou com uma exposição, organizada pelo “British Museum”, sobre o método do “cladismo”. O cladismo parece, no entanto, um método bem inocente. Trata-se de um novo sistema de classificação das espécies. Os parentescos entre as espécies são calculados em função de dois critérios: os caracteres “primitivos” e os caracteres “evoluídos”. Nada mais anódino. Por conseguinte, a classificação cladista apenas demonstra que não existe filiação “direta” de uma espécie a outra, o que leva a esta conseqüência: a evolução gradual, à qual Darwin se atinha, é uma ilusão, um erro. Na verdade, a evolução é descontínua. Contrariamente ao que pensava o biólogo inglês, “a natureza dá saltos”. Ela é menos “reformista” que “revolucionária”.

Evolução descontínua ou gradual

Eis a origem da controvérsia desencadeada pela exposição “cladista” do “British Museum”, com duas séries de questões: a primeira é, ainda uma vez, ideológica. Na verdade, o esquema cladista, que admite rupturas e revoluções na história da vida, pode ser recuperado ao nível da história dos homens e justificar aqueles que consideram que o progresso e a evolução das sociedades humanas devem proceder, também eles, por “saltos”, por “revoluções” e não por uma espécie de deslizamento contínuo, de graduação constante. O cladismo dá razão às filosofias da história de modelo marxista, justifica a revolução; e cientistas seríssimos, na Grã-Bretanha, explicaram que, se ensinarem o cladismo aos estudantes ocidentais, injetar-lhes-ão ao mesmo tempo, “ipso facto”, o veneno marxista e revolucionário ... que horror!

E o cladismo coloca uma segunda questão, estritamente científica: dispomos de provas positivas desta evolução descontínua, por saltos? Ora, devemos dizer, aqui, que a resposta é delicada, ambígua: claro, os paleontólogos acham-se diante de “séries” de vestígios que são descontínuas. Na verdade existem buracos, hiatos, lacunas nos vestígios e nos fósseis encontrados; sim, mas talvez as séries fossem, na realidade, contínuas, porém uma parte dos fósseis não foi encontrada.

Chegamos, neste ponto, a uma impossibilidade científica. O exame das séries de vestígios não pode decidir nem a favor de uma teoria nem a favor da teoria contrária, que traça o limite da teoria cladista. Mas, ao mesmo tempo, vemos também se traçarem os limites da teoria darwinista. Nenhuma observação pode decidir nem a favor da evolução gradual nem a favor da evolução descontínua. Somente a ideologia de um cientista ou de uma época dará preferência a uma ou a outra.

O valor da teoria da evolução

Definitivamente, o que a grande polêmica desencadeada pelo “British Museum” manifesta é que a ciência, pelo menos a ciência da natureza, não é uma ciência exata. E desembocamos, em última análise, não mais numa ciência positiva, mas numa metafísica. Devemos admitir, neste ponto, que o próprio Darwin, se foi muitas vezes dogmático e seguro de si, em outros momentos confessava as incertezas de sua teoria e, por meio desta, de toda ciência da vida.

De fato, ele estava consciente de que, se a teoria da evolução tinha uma coerência teórica, em compensação os homens não tinham assistido “diretamente” à transformação de uma espécie em outra espécie. A prova última, irrefutável, faltaria eternamente.

... Não deixam de ser interessantes as afirmações encontradas no texto transcrito, de que “nenhuma observação pode decidir nem a favor da evolução gradual nem a favor da evolução descontínua”, e de que “somente a ideologia de um cientista ou de uma época dará preferência a uma ou a outra”.

Da mesma forma, entende a Folha Criacionista que se aplicam as mesmas afirmações no tocante aos pontos de vista evolucionista (seja ele “gradualista” ou “saltacionista”) e criacionista. As observações por si mesmas jamais decidirão a favor ou contra qualquer desses dois pontos de vista, e somente a ideologia (poderíamos dizer: a fé) do cientista, ou a que de forma geral prevalece na época, dará preferência a um dos dois pontos de vista.

A aceitação paulatina das doutrinas evolucionistas, visando à exclusão de Deus não só na criação como em todas as atividades humanas, insere-nos hoje em um contexto no qual a ideologia aceita pela maioria, sem maiores questionamentos, realmente postula o materialismo, negando a própria existência de Deus.

A ORIGEM DA VIDA

O Suplemento “Cultura” do matutino “O Estado de São Paulo” publicou em 28 de março de 1982 artigo de autoria de John Noble Wilford sob o título acima. A Folha Criacionista transcreve a seguir alguns trechos daquele artigo, visando a dar a seus leitores informações sobre como o momentoso assunto tem sido conduzido nos meios científicos.

Não poderia haver maior desafio intelectual: qual a origem da vida na Terra? Em nenhum lugar há tanto otimismo de que possa ser encontrada uma resposta, quanto no laboratório e na cabeça do Dr. Cyril Ponnampuruma na Universidade de Maryland.

Na busca de respostas, o Dr. Ponnampuruma e outros cientistas dedicados à origem da vida preparam misturas primordiais, manipulam moléculas, dissecam rochas antigas e pesquisam outros planetas e o espaço entre as estrelas à procura de alguma indicação. Recentemente, ele abalara algumas noções tradicionais sobre o mundo no início da vida; por exemplo, a atmosfera poderia ser mais rica em dióxido de carbono do que em hidrogênio, o que alteraria completamente a fórmula para a evolução química da vida. Mas, com mais hidrogênio ou mais dióxido de carbono, a vida provavelmente poderia ter surgido, e depois, de alguma forma, ter evoluído em complexidade até hoje, quando é possível olhar para trás e refletir sobre aquele início tão distante.

... O Dr. Ponnampuruma, nascido em Sri Lanka, obteve seu primeiro diploma universitário em Filosofia e depois, decidindo-se por uma carreira que “colocasse mais pão à mesa”, foi para a Universidade de Londres

estudar química. Recebeu o título de doutor em química em 1962 na Universidade da Califórnia em Berkeley, estudando sob a orientação do Dr. Melvin Calvin, laureado com o prêmio Nobel, e que se dedicou a experiências criando atmosferas primordiais hipotéticas, possíveis precursoras da vida.

Esse era o tipo de química, corajosa e profundamente importante, que atraía o Dr. Ponnampereuma. Ele optou por ficar nos Estados Unidos e trabalhar para o Departamento Nacional de Aeronáutica e Espaço. Se as naves espaciais tivessem de procurar qualquer vida rudimentar que pudesse existir em Marte, os cientistas do departamento espacial precisariam saber mais sobre a vida primitiva na Terra. Em 1971, com o apoio da Nasa e da Fundação Nacional da Ciência, ele montou seu laboratório de evolução química na Universidade de Maryland e desde então é seu diretor.

Atrever-se a descobrir as origens da vida pode soar como a síntese da arrogância científica, mas o Dr. Ponnampereuma disse que, ao contrário, a experiência é bastante humilde. É humilde, ele disse citando o cientista britânico J. D. Bernal, porque “até mesmo a formulação desse problema está além do alcance de qualquer cientista isolado”.

Durante trinta anos, os esforços de muitos cientistas foram dirigidos no sentido de demonstrar que moléculas com potencial biológico, compostos orgânicos, podem surgir naturalmente de moléculas mais simples. Num sentido básico, o da vida tendo origem no inanimado, isto é a volta à idéia de geração espontânea - de larvas de moscas florescendo de carne em decomposição, digamos, ou de insetos provindo de madeira podre - que Pasteur derrubou em 1861.

É interessante a observação de que em uma última análise o Evolucionismo acaba levando à necessidade da geração espontânea da vida!

EM DISCUSSÃO O CONCEITO EVOLUTIVO DE DARWIN

O Suplemento “*CULTURA*” do prestigioso matutino paulista “*O Estado de São Paulo*” publicou em 15 de março de 1981 pequeno comentário, reproduzido do “*The New York Times*”, de autoria de Boyce Rensberger, sobre o controvertido assunto da evolução orgânica. Sob o título “*Em discussão o conceito evolutivo de Darwin*” reproduz-se a seguir o artigo mencionado, que cobre os mesmos aspectos destacados na revista “*SCIENCE*” da “*American Association for the Advancement of Science*”, de 21 de novembro de 1980, constantes de notícia anteriormente divulgada pela Folha Criacionista (“*A Teoria Evolucionista sob a Mira*” - Folha Criacionista nº 24).

A visão postulada de longa data pela Biologia sobre a evolução darwiniana, processo gradativo de seleção natural que age sobre as mutações genéticas, está passando por sua maior e mais profunda revolução desde há quase 50 anos. O âmago dessa revolução está constituído por algo que poderia parecer um paradoxo.

As descobertas recentes não fizeram mais do que fortalecer a conclusão de Darwin de que todas as formas de vida evoluíram a partir de um ancestral comum; por exemplo, a análise genética demonstrou que todo organismo é governado pelo mesmo código genético que controla os mesmos processos bioquímicos.

No entanto, simultaneamente, muitos estudos sugerem que a origem das espécies não foi como Darwin sugeriu, nem como a maioria dos evolucionistas pensou, depois das décadas de 30 e 40, quando o Darwinismo se fundiu com a genética redescoberta de Gregor Mendel.

*Exatamente de que maneira se deu a evolução é hoje assunto de grande controvérsia entre os biólogos. Embora o debate esteja em andamento há vários anos, atingiu um crescendo em outubro último, quando cerca de 150 cientistas especializados em estudos evolucionários reuniram-se durante quatro dias no “*Field Museum of Natural History*”, de Chicago, para discutir uma série de novas hipóteses que estão desafiando as idéias mais antigas.*

O encontro, em caráter fechado, exceto para alguns observadores, reuniu quase todos os principais evolucionistas em matéria de paleontologia, genética populacional, taxonomia (a ciência de classificar organismos) e campos relacionados.

Não foi vislumbrada qualquer resolução clara das controvérsias. Isso é muitas vezes explorado pelas religiões fundamentalistas que interpretam o fato erroneamente para sugerir debilidade da evolução em si e não do mecanismo de sua percepção. Na verdade, reflete um progresso significativo no sentido de uma compreensão muito mais profunda sobre a história da vida na Terra.

Esteve em questão no encontro de Chicago a macroevolução, termo em si discutível, mas que se refere, em geral, à evolução das grandes diferenças, como as que separam as espécies ou as classificações maiores. Muitos concordariam que a macroevolução é, por exemplo, o que tornou os crustáceos diferentes dos moluscos. É o processo pelo qual as aves e os mamíferos evoluíram dos répteis. É também o que deu origem a grandes inovações evolutivas, partilhadas por muitos grupos, como a flor nas plantas superiores ou o olho nos vertebrados.

Darwin sugeriu que esses grandes produtos da evolução eram resultados de períodos muito longos de seleção natural gradativa, cujo mecanismo é hoje geralmente aceito para explicar as adaptações menores. Essas pequenas variações, consideradas produtos da microevolução, respondem por coisas como as diferentes variedades de tentilhões que Darwin encontrou nas ilhas Galápagos. Sob o controle humano, ou “seleção artificial”, a microevolução produziu todas as variedades do cão doméstico, que continuam sendo membros de uma única espécie.

Contudo, Darwin sabia que se encontrava em terreno incerto ao estender a seleção natural para explicar a diferença entre os grandes grupos de organismos. Os registros fósseis do seu tempo não demonstravam transições graduais entre esses grupos, mas ele sugeriu que futuras descobertas de fósseis preencheriam os elos que faltavam.

“O processo que nos disseram para descobrir nos últimos 120 anos não existe”, declarou Niles Eldridge, paleontólogo do Museu Americano de História Natural, de Nova York. O Dr. Eldridge lembrou aos presentes o que muitos caçadores de fósseis reconheceram enquanto iam traçando a história de uma espécie através de sucessivas camadas de sedimentos antigos. As espécies simplesmente aparecem num dado ponto do tempo geológico, persistem quase sem modificações durante alguns milhões de anos, e depois desaparecem. São raros - ou inexistem, segundo alguns - os exemplos de uma espécie desfazendo-se gradualmente em outra.

A teoria da Seleção Natural não explica tudo

Junto com Stephen Jay Gould, paleontólogo da Universidade de Harvard, o Dr. Eldridge reiterou a hipótese de que as novas espécies não nascem de mudanças graduais, mas sim de súbitas explosões da evolução. Segundo eles, as espécies permanecem quase completamente estáveis durante longos períodos, e depois, subitamente, mudam de forma dramática. Eles sugerem que a transição acontece tão depressa que a possibilidade de encontrar formas fossilizadas intermediárias é nula.

Os Drs. Eldridge e Gould representavam uma escola de pensamento chamada de “equilíbrio pontilhado”, que conta com a adesão de muitos paleontólogos, embora muitos evolucionistas de outra formação considerem-se ainda gradualistas mais próximos ao molde darwiniano tradicional.

Um paleontólogo que defendeu firmemente o ponto de vista gradativo foi Thomas J. M. Schopf, da Universidade de Chicago. Argumentou que as espécies talvez não sejam tão estáticas quanto parecem. Os fósseis, observou, representam apenas as partes duras do organismo, como os ossos e as cascas. Segundo ele, as partes moles, que não se fossilizam, podem ter passado, ou estar passando, por mudanças graduais significativas que o paleontólogo jamais poderá ver. Recordou o caso em que conchas de certos organismos marinhos que pareciam idênticas, foram classificadas na mesma espécie, até serem encontrados espécimes vivos. Seus órgãos internos diferiam tanto, que tiveram de ser reagrupados em espécies diferentes.

“Os chamados fósseis vivos que se gosta de citar como exemplos de estase evolutiva não passam, na maioria, de mitos”, disse o Dr. Schopf. Por exemplo, observou ele, a espécie de caranguejo-ferradura, hoje comum,

que é desconhecida no registro de fósseis. Conhecem-se fósseis de caranguejos-ferraduras de outras espécies que datam de milhões de anos, mas estão hoje extintas. O caranguejo-ferradura que vive hoje é o resultado de um desenvolvimento evolutivo. O mesmo vale para os tubarões, baratas e outras espécies tidas como “fósseis vivos”.

Outros que questionam a idéia do equilíbrio pontilhado são os geneticistas de população, que criam vastas colônias de moscas-das-frutas, acompanhando o curso das mutações para ver como elas mudam a espécie ao longo de muitas gerações. Depois de manipular durante cerca de 40 anos a evolução dessas moscas, que atravessam gerações em poucos dias, verificam-se muitas mudanças bizarras, mas as moscas continuam sendo moscas.

A confusa diversidade das formas de vida

John Maynard Smith, da Universidade de Sussex, na Inglaterra, tentou superar uma das diferenças entre as escolas rivais. Observou que os paleontólogos e os geneticistas têm percepções muito diferentes sobre o tempo evolucionário. Cinquenta mil anos - período que o Dr. Gould não teria dúvidas em considerar uma “pontuação” instantânea na sua hipótese - é tempo suficiente para um grande número de mudanças se acumularem aos olhos de um geneticista, disse o Dr. Smith.

Contudo, afirmou o Dr. Gould, 50 mil anos de mudanças pode ser apenas um por cento do tempo total de existência de uma espécie. Se suas partes duras permaneceram inalteradas nos restantes 99% de uma existência de cinco milhões de anos, essa estase, segundo ele, era um fenômeno que contrastava muito com o ponto de vista darwiniano tradicional.

Controvérsia relacionada é a que houve a respeito de uma espécie de inversão do mistério com o qual Darwin confrontou-se originalmente. A evolução e a seleção natural foram postuladas inicialmente para explicar a confusa diversidade das formas de vida. Hoje, parece igualmente um grande mistério que a diversidade esteja confinada apenas a alguns tipos básicos de organismos.

Conforme disse Richard Lewontin, geneticista de Harvard, “a maioria dos organismos concebíveis não existe”. Mesmo que incluíssemos todas as espécies extintas conhecidas, ainda seria possível imaginar outras formas de vida que seriam biologicamente plausíveis, mas que são desconhecidas na realidade.

“Por que não existem organismos com rodas?”, perguntou o Dr. Lewontin, citando o que admitiu ser um exemplo trivial. Mais significativo ainda, por que não existem vertebrados com seis pernas? Na opinião de muitos evolucionistas, as respostas a tais perguntas poderiam estar ligadas ao problema da origem das espécies.

A resposta darwiniana clássica é a de que tais coisas poderiam muito bem surgir se melhorassem a capacidade de um organismo de desenvolver-se em seu habitat. O fato de que certos organismos concebíveis são desconhecidos reflete a tendência seletiva do ambiente ou o simples fato de que as necessárias mutações jamais se concretizaram.

A maioria dos biólogos de hoje considera que a resposta deve ser mais complexa, ou inteiramente diferente. Fator muito citado refere-se às restrições inerentes ao desenvolvimento embriológico de um organismo. Parece haver leis naturais que determinam a maneira segundo a qual as células agrupam-se para formar tecidos especializados. Ninguém sabe que leis são essas, mas elas dão a impressão de canalizar o desenvolvimento embriológico dentro de determinados padrões. A simetria bilateral pode ser um dos padrões que se aplica a muitos grupos.

Intimamente relacionada a isso está a idéia de que existem macromutações. São alterações da mensagem genética que produzem inesperadamente grandes conseqüências para os organismos. Os criadores da mosca-das-frutas observaram mutações que, de uma vez, convertem olhos em asas, cabeças em órgãos genitais, ou partes da boca em pernas. As estruturas “deslocadas” estão completas em todos os seus detalhes.

Tais anomalias, segundo Stuart A. Kauffman, da Universidade da Pensilvânia, sugerem que uma única “mutação pontilhada” pode às vezes desencadear uma cascata de efeitos que alteram a expressão de conjuntos inteiros de genes.

Embora muitos evolucionistas rejeitem a idéia de que novas espécies surjam, como tais macromutantes de uma geração – por vezes chamados de “monstros esperançosos” -, muitos suspeitam que certas modalidades de mutações podem realmente causar mudanças muito maiores do que os antigos geneticistas julgavam possível.

Os evolucionistas discordam a respeito dessa questão, como a respeito de muitas outras. Isso se deve, em parte, à complexidade do processo da vida, que vai desde as interações moleculares até o comportamento dos grupos sociais. Também é resultado do envolvimento de tantas disciplinas, porque a evolução é um fator de todas as ciências da vida. Mas reflete igualmente um problema mais fundamental: a grande dificuldade de formular uma hipótese verificável que possa resolver algumas diferenças.

O fato da evolução está bem estabelecido. Mas após quatro dias do que o Dr. Gould chamou de “um debate saudável e jubiloso”, parecia haver pouca concordância sobre como alguém poderia estabelecer com alguma certeza que as coisas aconteceram de uma maneira, e não de outra.

Apesar de certa posição dogmática intransigente a respeito da evolução como verdade comprovada, percebe-se a grande dificuldade reconhecidamente existente para adequar a teoria da evolução aos fatos existentes no registro paleontológico.

LEIA MAIS SOBRE A MACRO-EVOLUÇÃO

(Esta Nota foi acrescentada à primeira edição deste número da Folha Criacionista)

Sugerimos aos nossos leitores interessados no assunto, que se reportem a artigos publicados em números da Folha Criacionista / Revista Criacionista, sobre a macro-evolução, indicados a seguir.

Os primeiros números antes do parênteses indicam o número da Folha Criacionista ou sua sucessora Revista Criacionista onde se encontra o artigo respectivo. Os números entre parênteses indicam as páginas respectivas.

16(13-55) – A macroevolução questionada – Roger W. Haynes Jr.

22(19-23) – Comentários sobre a suposta evolução dos mamíferos a partir dos répteis – Albert Mehlert

29(66-69) – Cachorro – parente mais próximo do lagarto ou da galinha? – New Scientist

68(58) – O que seria necessário para um dinossauro se transformar em ave? John D. Morris

GUERRA DOS DINOSSAUROS IRROMPE NO MUSEU BRITÂNICO

Com o título acima a revisão SCIENCE da American Society for the Advancement of Science de 2 de Janeiro de 1981 apresentou interessante comentário de Nicholas Wade sobre os recentes acontecimentos que envolveram a posição cladista tomada pelo Museu Britânico em sua exposição de História Natural, mencionada na notícia apresentada inicialmente neste número da Folha Criacionista sob o título “Darwin e a Evolução”.

Transcrevemos a seguir o comentário, para nossos leitores.

Nas solenes salas do Museu Britânico de História Natural, onde curiosos ajuntam-se em torno de ossos de criaturas extintas já de há muito, os ruídos de uma rixa contemporânea estão perturbando a quietude do período Cretáceo.

O que perturbou o sono dos fósseis foi a alegação de que o novo arranjo em que estão eles sendo expostos ao público esconde, ou pelo menos torna subliminarmente manifesta, uma doutrina política.

A nova exposição, de acordo com o zoólogo L. B. Halstead, da Universidade Reading, destina-se a favorecer uma interpretação marxista do mundo, às expensas do conservadorismo. Pior ainda, ela apoia não só os marxistas mas também os criacionistas, fundamentalistas bíblicos que estão sempre tentando enterrar a teoria da evolução em qualquer falha do registro fóssil.

As autoridades do Museu Britânico decidiram manter um dignificante silêncio em face dessas acusações, as quais apareceram inicialmente em carta de Halstead para a revista Nature. Somente um cientista do Museu escreveu para expressar seu ponto de vista de que Halstead estava “simplesmente equivocado”, e aí ficou a questão.

Os dinossauros, que constituem o fulcro da contenda, não foram atendidos em sua solicitação por mais espaço na exposição. Porém, o que provocou a ira de Halstead foi terem eles sido dispostos de acordo com os princípios do cladismo, sistema de classificação dos relacionamentos entre os objetos. Como uma ferramenta analítica, o cladismo tem sido usado intensamente entre paleontologistas e biólogos evolucionistas aproximadamente durante toda a última década. Para alguns, o cladismo tornou-se mais um credo do que uma ferramenta. Da mesma forma que os vermelhos e verdes em Bizâncio, ou os guelfos e gibelinos na Itália de Dante, os cladistas e seus opositores têm transformado os departamentos de paleontologia, em várias ocasiões, em campos de batalha apaixonada, embora surda. Uma área de guerra recente foi o Museu de História Natural de Nova York.

As escaramuças cladistas atingiram sua maior intensidade em meados da década de 1970, tendo diminuído a partir de então. A novidade na investida de Halstead é sua crença em que o cladismo tem uma dimensão política. O cladismo, sob seu ponto de vista, leva à hipótese de que a evolução não se deu através de mudanças graduais, como divisado por Darwin e seus sucessores, mas sim por saltos repentinos e descontinuidades. “Se pudesse ser estabelecido definitivamente que o caminho da evolução tivesse sido por meio de saltos, então finalmente os marxistas de fato seriam capazes de alegar que a base teórica de sua abordagem está apoiada por evidências científicas. ... O que está se passando no Museu de História Natural deve ser visto nesse contexto. Se a abordagem cladista torna-se aceita como última palavra, então um ponto de vista fundamentalmente marxista da história da vida terá sido incorporado em um elemento chave do sistema educacional deste país” escreveu Halstead em sua carta a Nature.

“Eu acho que Halstead está completamente equivocado”, observa o paleontologista do museu, Colin Patterson. Sob o ponto de vista de Patterson, o cladismo nada tem a ver com a evolução: é meramente uma ferramenta para o estudo de configurações, e nada tem a dizer sobre o processo pelo qual a configuração surgiu. Os cladistas, longe de tirar inferências políticas de seus pontos de vista sobre a evolução, não estão também tirando quaisquer conclusões necessárias do cladismo quanto à própria evolução. Patterson é um “cladista transformado”, ridiculariza Halstead, que sustenta haver uma correlação entre as crenças científicas e políticas dos cladistas.

É verdade que os debates científicos às vezes são moldados por influências externas, inclusive políticas, como se evidenciou recentemente na discussão sobre a sociobiologia. Entretanto, os paleontologistas tanto dos Estados Unidos quanto da Inglaterra, afirmam não ser esse o caso com o cladismo. Halstead discorda, apresentando como evidência um bem conhecido artigo publicado no número da primavera de 1977 da revista "Paleobiology". Nele, dois preeminentes biólogos evolucionistas contrastam a propensão marxista por mudanças abruptas tanto na natureza quanto na sociedade, com a preferência ocidental pelo gradualismo. Os autores do elegante artigo, Stephen Gould e Niles Eldredge, asseveram que "mesmo as maiores conquistas científicas estão enraizadas em seus contexto culturais". Mediante um exemplo, sugerem eles que Darwin inconscientemente mimetizou o liberalismo "laissez-faire" da sociedade vitoriana ao tornar o gradualismo o mecanismo central de sua teoria da evolução. Mediante outro exemplo, confessam eles que "pode também não ser irrelevante às nossas preferências pessoais que um de nós tenha aprendido o marxismo literalmente aos pés de seu pai" (referindo-se ao pai de Gould).

O artigo de Gould e Eldredge certamente corrobora a premissa implícita de Halstead de que as teorias científicas podem ser influenciadas pelas crenças políticas de seus autores. Porém, com relação à sua asserção específica de que o cladismo está ligado ao marxismo, o artigo dá menos apoio, pois Gould não é um cladista e Eldredge não é marxista. Sua tese é de que a evolução não se processa por um contínuo de pequenas alterações, mas sim por "equilíbrios pontilhados" - longos períodos de estase interrompidos por explosões de rápida especiação. "A idéia de que a noção dos equilíbrios pontilhados deriva de aceitação prévia do marxismo é ridícula, e, de qualquer modo, o cladismo e os equilíbrios pontilhados não mantêm qualquer relação necessária.

Por detrás do presente conflito sobre o cataclismo jaz uma disputa de longa data entre Halstead e R. S. Miles, o voluntarioso chefe do departamento de serviços públicos do Museu. Em um simpósio realizado em 1978 em Reading, bem perto da mansão de Halstead, mencionou Miles, com certo toque de menosprezo, que o público sempre esperou que o Museu providenciasse "sala de monstros", e que o objetivo foi satisfazer não só esse desejo como também exigências outras mais intelectuais. Miles estava explicando os novos esquemas das exposições no Museu, que tinham causado certo grau de consternação entre os acostumados às mostras tradicionais. "A extinta e lamentada galeria dos dinossauros", respondeu Halstead, "foi vítima dos que enxergam o papel do Museu como sendo de uma engenharia social e não o de um repositório".

Os diretores de museus do lado americano do Atlântico estão observando o tumulto no Museu Britânico de História Natural com certa dose de inveja. A erupção dessas paixões monumentais, apesar de tudo, significa que pelo menos o público é importante. Mostras cladistas de longa data têm sido uma característica do Museu Americano de História Natural, em Nova York. "Temos feito isso durante anos e ninguém deu alarme" diz um paleontologista do Museu. No Museu Britânico, por outro lado, quando alguns ossos de elefantes e tigres, sem grande valor paleontológico, foram removidos das mostras, isso provocou uma gritaria dos londrinos, que tinham deles caras memórias desde sua infância. E os elefantes e tigres voltaram.

Quanto aos dinossauros, contrariamente à impressão que poderia ser dada pelos clamores atuais, eles ainda embelezam as salas do Museu de Londres, tanto quanto compete à vida extinta. Sim, lamenta Halstead, mas não mais estão em sua posição correta, meramente para demonstrar os princípios do cladismo.

MOTEL DOS MISTÉRIOS

O conhecido periódico “*Seleções do Reader's Digest*” apresentou em seu número de julho de 1980 uma interessante sátira intitulada “*Motel dos Mistérios*”, na qual relata as deduções de um arqueólogo hipotético que no ano 4022 descobre as ruínas soterradas de um motel do século XX.

O arqueólogo, em seu trabalho de remoção e registro dos tesouros do Túmulo 26 (assim considerado o apartamento 26 do Motel), examina a Câmara Exterior (o quarto) e a Câmara Interior (o banheiro) interpretando os objetos encontrados de forma a relacioná-los com um suposto ritual funerário.

A título de curiosidade apresentam-se a seguir duas figuras com a indicação de algumas peças e sua respectiva interpretação, para ilustrar a interessante sátira. Recomendamos a nossos leitores a leitura do artigo mencionado, que de certa maneira destaca as dificuldades da interpretação imparcial de dados e evidências factuais, devido à atuação de influências subjetivas nem sempre facilmente perceptíveis.

Figura 1 - Câmara Exterior

- 1 - Altar-mor
- 2 - Placa peitoral de cerimônia
- 3 - Comunicador Sagrado
- 4 - Plataforma cerimonial
- 7 - Recipientes que continham libações e oferendas, sobre o altar.
- 9 - Estátua do deus Watt, que simbolizava o companheirismo e a clarividência eternos.
- 10 - Recipiente destinado a preservar para a eternidade os principais órgãos internos do falecido.

Figura 2 - Câmara Interior

- 1 - Artigo utilizado na preparação do corpo a viagem final.
- 2 - Urna sagrada.
- 4 - Artigo utilizado na preparação do corpo para a viagem final.
- 5 - Pergaminho sagrado, pedaços do qual eram periodicamente colocados na urna durante a cerimônia.
- 8 - Toucador Cerimonial, exemplo ímpar da arte de trabalhar o “*plasticus*” flexível.
- 9 - Sarcófago branco muito polido.

ÍNDICE DECENAL DOS ARTIGOS DA FOLHA CRIACIONISTA

Por ocasião do encerramento de seu décimo ano de atividade, a Folha Criacionista apresenta o índice dos artigos publicados, por assunto, nos seus primeiros vinte e cinco números.

Os interessados na aquisição de artigos esparsos da Folha Criacionista poderão solicitar cópias xerox dos artigos que desejarem, ou do número correspondente da Folha Criacionista. As cópias, bem como números avulsos da Folha Criacionista, poderão ser remetidas por reembolso postal, cobrando-se o preço usual para a duplicação xerox das páginas dos artigos solicitados, ou o preço já divulgado anteriormente para os números avulsos da Folha Criacionista.

A lista seguinte indica o número de páginas de cada artigo.

ANTROPOLOGIA (AN)

- AN/001 - Os ancestrais do homem - William J. Tinkle
Número 2 - páginas 25 a 34.
- AN/002 - O homem fóssil - ancestral ou descendente de Adão? - R. Daniel Shaw
Número 3 - páginas 14 a 37.
- AN/003 - Considerações gerais e craniométricas do “*Homem de Piltdown*” - Welington Dinelli
Número 3 - páginas 44 a 51.
- AN/004 - Três níveis de objeções antropológicas à evolução - R. Clyde McCone
Número 7 - páginas 5 a 23.
- AN/005 - O princípio de Lebzelter - uma idéia criativa - Arthur C. Custance
Número 13 - páginas 9 a 13.
- AN/006 - O homem fóssil e o conceito criacionista - Harold W. Clark
Número 13 - páginas 15 a 26.
- AN/007 - O homem fóssil à luz do relato bíblico - Arthur C. Custance
Número 15 - páginas 17 a 50.
- AN/008 - A localização do homem na árvore biológica - Efrain Doce Martinez
Número 17 - páginas 43 a 54.
- AN/009 - O invólucro de vapor d’água e a longevidade dos patriarcas - Joseph C. Dillow
Número 19 - páginas 23 a 42.
- AN/010 - Linguagem e Antropologia - G. Oosterwal
Número 22 - páginas 45 a 51.

ARQUEOLOGIA (AR)

- AR/001 - Uma análise quantitativa da duração da vida dos patriarcas do livro de Gênesis - James E. Strickling
Número 8 - páginas 55 a 67.
- AR/002 - A evolução e a interpretação arqueológica - Donovan A. Courville
Número 14 - páginas 5 a 23.
- AR/003 - Estranhos fogos sobre a Terra - Erich A. von Fange
Número 20 - páginas 17 a 40.
- AR/004 - A arca de Noé - Henry M. Morris
Número 23 - páginas 5 a 10.
- AR/005 - Comparação entre a arca e navios modernos - Ralph Giamone
Número 23 - páginas 11 a 13.
- AR/006 - O interior da arca - Um mundo em miniatura - Raymond Bray
Número 23 - páginas 15 a 19.
- AR/007 - Quantos animais na arca? - Arthur J. Jones
Número 23 - páginas 21 a 38.

- AR/008 - Noé e o dilúvio - As tradições apócrifas - Marcus Von Wellnitz
Número 23 - páginas 39 a 49.
- AR/009 - Noé e a etimologia - Bengt Sage
Número 23 - páginas 51 a 56.
- AR/010 - Uma análise estatística das lendas do dilúvio - James E. Strickling
Número 23 - páginas 57 a 65.

ASTRONOMIA (AS)

- AS/001 - Crítica da evolução estelar - George Mulfinger
Número 4 - páginas 31 a 69.
- AS/002 - Efeito da pressão radiante nos micrometeoróides, e existência dos micrometeoróides como evidência da juventude do sistema solar - Ronald G. Samec
Número 13 - páginas 27 a 37.
- AS/003 - A atenuação da radiação visível no invólucro de vapor d'água
Número 18 - páginas 37 a 58.

BIOLOGIA (BI)

- BI/001 - A Ontogenia recapitula a Filogenia - Wilbert H. Rusch Sr.
Número 2 - páginas 35 a 48.
- BI/002 - Vida num tubo de ensaio? - Wayne F. Frair
Número 4 - páginas 3 a 20.
- BI/003 - Uniformismo, probabilidade e evolução - A. J. (Monty) White
Número 4 - páginas 21 a 30
- BI/004 - Células estomáticas e projeto nas plantas - Willis E. Keithley
Número 4 - páginas 71 a 76.
- BI/005 - O conceito de homologia - Russel Artist
Número 5 - páginas 9 a 32.
- BI/006 - A paleoecologia e o dilúvio - Harold W. Clark
Número 5 - páginas 35 a 45.
- BI/007 - Cromossomos, mutações e filogenia - John N. Moore
Número 8 - páginas 5 a 33.
- BI/008 - Observação sobre a natureza insatisfatória dos fósseis da série do cavalo, como evidência da evolução - Frank W. Cousins
Número 9 - páginas 31 a 53.
- BI/009 - É possível a evolução das proteínas? - M. Trop e A. Shaki
Número 12 - páginas 21 a 24.
- BI/010 - O sangue realmente importa - Evan V. Shute
Número 12 - páginas 25 a 34.
- BI/011 - Perpetuação do mito da recapitulação - Glen W. Wolfrow
Número 12 - páginas 35 a 43.
- BI/012 - Seleção artificial e natural - William J. Tinkle
Número 14 - páginas 25 a 30.
- BI/013 - A Macroevolução questionada - Roger W. Haines Jr.
Número 16 - páginas 13 a 35.
- BI/014 - Documentação da ausência de formas de transição - John N. Moore
Número 17 - páginas 39 a 41.
- BI/015 - Construindo moléculas de proteínas - N.E.
Número 19 - páginas 43 a 45.
- BI/016 - Interdependência na síntese das macromoléculas - Evidências de planejamento - Douglas B. Sharp
Número 19 - páginas 47 a 62.
- BI/017 - Restrições às transformações inerentes aos seres vivos - D. R. Boylan
Número 20 - páginas 41 a 55,

- BI/018 - Variação e fixidez entre os seres vivos - Um novo princípio biológico - Frank L. Marsh
Número 21 - páginas 17 a 24.
- BI/019 - Dezesseis problemas para os evolucionistas - Art F. Poetcker
Número 21 - páginas 25 a 50.
- BI/020 - A missão Apolo-16 e a evolução bioquímica - G. T. Javor e G. E. Snow
Número 21 - páginas 51 a 56.
- BI/021 - Uma análise geral do termo bíblico “*Espécie*” (Min) - Arthur J. Jones
Número 22 - páginas 5 a 17.
- BI/022 - Comentários sobre a suposta evolução dos mamíferos a partir dos répteis - Albert Mehlert
Número 22 - páginas 19 a 23.
- BI/023 - A origem dos Têrmitas - Vincent A. Ettari
Número 22 - páginas 25 a 32.
- BI/024 - A origem dos Parasitos - Ariel A. Roth
Número 22 - páginas 33 a 43.
- BI/025 - A paleoecologia e o Dilúvio - Harold W. Clark
Número 24 - páginas 13 a 24.

FÍSICA E QUÍMICA (FQ)

- FQ/001 - Datação com Radiocarbono - R. H. Brown
Número 1 - páginas 17 a 26.
- FQ/002 - Uma explicação simplificada das primeira e segunda leis da Termodinâmica - A sua relação com as Escrituras e a teoria da evolução - Emmett L. Williams Jr.
Número 1 - páginas 43 a 64.
- FQ/003 - Decaimento do momento magnético terrestre e suas conseqüências geocronológicas - Thomas G. Barnes
Número 2 - páginas 57 a 68.
- FQ/004 - Datação com Carbono radioativo - A. J. (Monty) White
Número 7 - páginas 25 a 34.
- FQ/005 - As implicações das duas leis da Termodinâmica na origem e destino do Universo - David Penny
Número 9 - páginas 5 a 29,
- FQ/006 - Um exame crítico da datação com Radiocarbono, à luz de dados dendrocronológicos - Sidney P. Clementson
Número 11 - páginas 21 a 42,
- FQ/007 - Termodinâmica - uma ferramenta para os criacionistas - Emmett L. Williams,
Número 12 - páginas 5 a 20.
- FQ/008 - Oxigênio e Evolução - G. E. Snow e G. T. Javor
Número 16 - páginas 37 a 41.
- FQ/009 - O congelamento catastrófico do mamute de Beresovska - Jody Dillow
Número 17 - páginas 5 a 24.
- FQ/010 - A constância da taxa de desintegração nuclear - Don B. De Young
Número 18 - páginas 17 a 27.
- FQ/011 - Crise na calibração do Radiocarbono - David J. Tyler
Número 19 - páginas 5 a 22.

GEOLOGIA (GE)

- GE/001 - A estrutura e a essência da Geologia - Clifford L. Burdick
Número 2 - páginas 11 a 24.
- GE/002 - Um exame crítico da datação radioativa das rochas - Sidney P. Clementson
Número 3 - páginas 4 a 12.
- GE/003 - O desafio da Geologia Histórica - Edgard C. Powell
Número 6 - páginas 17 a 40.

- GE/004 - A causa da Idade do Gelo - Reginald Daly
Número 7 - páginas 35 a 60.
- GE/005 - O criacionista e a glaciação continental - William A. Springstead
Número 8 - páginas 35 a 53.
- GE/006 - A jovem Terra - Henry M. Morris
Número 11 - páginas 5 a 19.
- GE/007 - Poderiam as águas do dilúvio ter provindo de uma camada atmosférica ou de uma fonte extra-terrestre? - Robert E. Kofahl
Número 15 - páginas 5 a 15.
- GE/008 - O que dirão eles no ano 10.000? - David Rodabaugh
Número 17 - páginas 35 a 37.
- GE/009 - Evidências a favor de uma Terra recente na análise dos meteoritos - Peter A. Steveson
Número 18 - páginas 29 a 35.
- GE/010 - O Dilúvio Bíblico e o registro geológico - G. L. Johnson
Número 23 - páginas 67 a 72

HISTÓRIA DA CIÊNCIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA (HF)

- HF/001 - A Terra no espaço e no tempo - Harold W. Clark
Número 1 - páginas 7 a 15,
- HF/002 - O caráter científico da doutrina da evolução - Willem J. Ouweneel
Número 1 - páginas 27 a 42,
- HF/003 - A teoria da evolução e as limitações do conhecimento humano - Júlio Garrido
Número 2 - páginas 3 a 9
- HF/004 - Darwinismo Social - Bolton Davidheiser
Número 2 - páginas 49 a 55
- HF/005 - Sobre a harmonia das leis da natureza - Harold Armstrong
Número 3 - páginas 38 a 42
- HF/006 - Amoralidade na seleção natural - William J. Tinkle
Número 5 - páginas 3 a 8
- HF/007 - O Criacionismo no século vinte - Willilam J. Tinkle
Número 6 - páginas 7 a 16
- HF/008 - Relatório sobre o simpósio de Velikovsky - Ian Mac Iver
Número 10 - páginas 5 a 24.
- HF/009 - A natureza do pensamento evolucionista - Arthur Jones
Número 10 - páginas 25 a 42
- HF/010 - Argumentos contra a origem aleatória da simetria e do planejamento ou projeto - Howard B. Holroyd
Número 11 - páginas 43 a 55
- HF/011 - Um planeta adequado à vida - William J. Tinkle
Número 12 - páginas 45 a 51.
- HF/012 - Os macacos datilógrafos - A. J. (Monty) White
Número 13 - páginas 5 a 7.
- HF/013 - O tempo de ponta-cabeça - Erich A. von Fange
Número 13 - páginas 39 a 71.
- HF/014 - O Darwinismo é descabido física e matematicamente - Howard Byington Holroyd
Número 14 - páginas 31 a 47.
- HF/015 - Um modelo criacionista para os processos naturais - Emmett L. Williams
Número 17 - páginas 25 a 33.
- HF/016 - Darwinismo e Doutrinação - G. H. Harper
Número 18 - páginas 5 a 16.
- HF/017 - Os paradoxos da Matemática - Walter M. DeCew
Número 20 - páginas 5 a 16.
- HF/018 - O infinito real da Matemática - O Deus do Cientificismo - Walter M. DeCew
Número 21 - páginas 5 a 16.

- HF/019 - Um exame da evolução teísta - H. L. Armstrong
Número 24 - páginas 5 a 12.
- HF/020 - Criação e Criatividade - observações sobre seu significado físico - Jerzy Z. Hubert
Número 24 - páginas 25 a 30.
- HF/021 - Um ponto de vista cristão e científico a respeito da origem da vida - Duane T. Gish
Número 25 - páginas 5 a 56.

REVISÃO CRÍTICA DE BIBLIOGRAFIA EVOLUCIONISTA (BE)

- BE/001 - Biologia - das moléculas ao homem - Prefácio, capítulos 1, 2 e 3
Número 5 - páginas 55 a 57.
- BE/002 - Biologia - das moléculas ao homem - Capítulo 4 (parte inicial)
Número 6 - páginas 55 a 59.
- BE/003 - Biologia - das moléculas ao homem - Capítulo 4 (parte final)
Número 7 - páginas 65 a 68.
- BE/004 - Considerações sobre o princípio do uniformismo (A natureza do registro estratigráfico - Derek V. Ager)
Número 7 - páginas 69 a 73.
- BE/005 - Biologia - das moléculas ao homem - Capítulo 5 (parte inicial)
Número 8 - páginas 69 a 71.
- BE/006 - Biologia - das moléculas ao homem - Capítulo 5 (itens 5-3 e 5-4)
Número 11 - páginas 57 a 58.
- BE/007 - Biologia - das moléculas ao homem - Capítulo 5 (itens 5-5 e 5-6)
Número 12- páginas 53 a 54.

O ABC DO EVOLUCIONISMO (EV)

- EV/001 - O evolucionismo e a teoria de Darwin (primeira parte) - Andrejus Korolkovas
Número 3 - páginas 52 a 55.
- EV/002 - O evolucionismo e a teoria de Darwin [segunda parte] - Andrejus Korolkovas
Número 4 - páginas 77 a 81.
- EV/003 - Sesqüicentenário de Louis Pasteur - SCIENCE
Número 4 - páginas 81 a 82.
- EV/004 - A discutida origem dos vertebrados - J. Reis
Número 5 - páginas 47 a 54.
- EV/005 - Podem os modernos cristãos crer honestamente na Criação? Harold W. Clark
Número 6 - páginas 41 a 46.
- EV/006 - Novas pesquisas em torno da origem da vida - Fernando G. Sampaio
Número 7 - páginas 61 a 64.
- EV/007 - Examinando as “*provas*” da evolução orgânica - Gerson Pires de Araújo
Número 10 - páginas 58 a 62.
- EV/008 - Congresso mundial de Antropologia de 1976
Número 14 - páginas 49 a 55.
- EV/009 - O enigma da vida - Efrain Doce Martinez
Número 16 - páginas 43 a 46.
- EV/010 - A doutrina da evolução - Newton Freire-Maia
Número 17 - páginas 55 a 63.
- EV/011 - Origem do sistema solar - Giorgio Giacaglia
Número 18 - páginas 59 a 67.
- EV/012 - Evolução por explosão - Stephen Jay Gould
Número 19 - páginas 63 a 68.
- EV/013 - Breve história do homem de Pequim - Pierre Leroy
Número 20 - páginas 57 a 64.

EV/014 - Considerações sobre a vitória do darwinismo - Ariel Roth
Número 21 - páginas 57 a 59.

NOTÍCIAS (NO)

- NO/001 - Literatura criacionista
Número 1 - página 65.
- NO/002 - Sociedade de Pesquisas Criacionistas
Número 1 - página 65.
- NO/003 - Cientista nega o Darwinismo
Número 1 - páginas 65 a 66.
- NO/004 - Cronologia dos patriarcas do Velho Testamento
Número 1 - páginas 66 a 67.
- NO/005 - Primeiro número da “*Folha Criacionista*”
Número 2 - página 69.
- NO/006 - Sociedade Criacionista Brasileira
Número 2 - página 69.
- NO/007 - Raquitismo deformou os homens primitivos
Número 2 - página 70.
- NO/008 - Números anteriores da “*Folha Criacionista*”
Número 3 - página 56.
- NO/009 - Evolução ou criação dos oceanos?
Número 3 - página 57.
- NO/010 - Conferência sobre a duração da atual época interglacial - evidências de alteração no clima terrestre
Número 3 - página 57.
- NO/011 - Datas espúrias obtidas com o Carbono-14
Número 3 - página 58.
- NO/012 - Para onde foram os dinossauros?
Número 3 - páginas 58 a 59.
- NO/013 - Evolução vs. Criação - Volta a polêmica
Número 3 - páginas 59 a 61.
- NO/014 - Evolução em xeque?
Número 3 - páginas 61 a 62.
- NO/015 - Números anteriores da “*Folha Criacionista*”
Número 4 - páginas 83 a 84.
- NO/016 - Criacionistas e evolucionistas em confronto na Califórnia
Número 4 - páginas 85 a 93.
- NO/017 - Evolução vs. Criação - Volta a polêmica
Número 4 - páginas 94 a 95.
- NO/018 - Monogenismo e poligenismo
Número 4 - páginas 96 a 98.
- NO/019 - O contra-ataque cristão
Número 4 - páginas 99 a 101.
- NO/020 - Superando Darwin
Número 5 - página 59.
- NO/021 - Locomoção bípede - argumento para a evolução?
Número 5 - páginas 60 a 61.
- NO/022 - O Homem - 1490
Número 5 - páginas 62 a 65.
- NO/023 - Einstein e Deus
Número 5 - páginas 66 a 67.
- NO/024 - Nova teoria explica como surgiu a vida
Número 6 - páginas 47 a 49.

- NO/025 - Artefatos ou geofatos?
Número 6 - páginas 49 a 50.
- NO/026 - Paleontologia - a especialidade das conjecturas
Número 6 - páginas 50 a 54.
- NO/027 - Vida terrestre pode ter origem nas estrelas
Número 7 - páginas 75 a 76.
- NO/028 - Biografia de dois ilustres cientistas
Número 7 - páginas 77 a 83.
- NO/029 - Que idade tem a velha Terra?
Número 7 - páginas 84 a 86.
- NO/030 - Descobertos novos aspectos das épocas glaciais em contradição com as hipóteses aceitas usualmente
Número 7 - páginas 87 a 89.
- NO/031 - As duas evoluções
Número 8 - páginas 73 a 76.
- NO/032 - Expansão do universo é um processo infinito
Número 8 - páginas 76 a 77.
- NO/033 - A pouca idade dos Andes
Número 8 - páginas 77 a 78.
- NO/034 - Fóssil pode trazer novos dados sobre a origem do homem
Número 8 - páginas 78 a 80.
- NO/035 - Velikovsky - Fórum da Associação Americana para o Progresso da Ciência
Número 9 - páginas 55 a 64.
- NO/036 - A singularidade do clima terrestre
Número 9 - páginas 65 a 69.
- NO/037 - O Quasar 3C279
Número 9 - páginas 70 a 71.
- NO/038 - A Ciência e a Bíblia
Número 9 - página 71.
- NO/039 - O fim da Biologia soviética
Número 10 - páginas 43 a 47.
- NO/040 - Os dias cruciais de Darwin
Número 10 - páginas 48 a 54.
- NO/041 - A origem do *Homo sapiens*
Número 10 - página 55.
- NO/042 - “*Another creationism publication*”
Número 10 - páginas 56 a 57.
- NO/043 - Uma visão da linhagem dos hominídeos
Número 11 - páginas 59 a 62.
- NO/044 - Vida em uma nova ilha
Número 11 - páginas 62 a 64.
- NO/045 - Neutrinos solares e variações da luminosidade solar
Número 11 - páginas 64 a 66.
- NO/046 - Shanidar IV, flores em sepultura Neandertal no norte do Iraque
Número 11 - páginas 66 a 69.
- NO/047 - Encontrado mais um “*fóssil vivo*”
Número 12 - página 55.
- NO/048 - A Lua - apesar de tudo, não tão diferente da Terra
Número 12 - páginas 55 a 57.
- NO/049 - Viking pode mudar teoria sobre a origem da vida
Diminui esperança de vida em Marte
Cientista contesta teoria da evolução
Número 12 - páginas 57 a 58.
- NO/050 - Pressuposições a respeito do tempo geológico
Número 12 - páginas 59 a 61.

- NO/051 - Variabilidade solar
Número 12 - páginas 61 a 65.
- NO/052 - Vida em Marte?
Número 13 - páginas 73 a 74.
- NO/053 - Homem atingiria 800 anos de vida
Número 13 - página 75.
- NO/054 - A morte de Lysenko
Número 14 - páginas 57 a 59.
- NO/055 - Sinais da Viking param por um mês
Número 14 - páginas 59 a 60.
- NO/056 - Equador - fóssil traz revelações
Número 15 - páginas 51 a 53.
- NO/057 - Pode ser este o elo que falta
Número 15 - páginas 53 a 58.
- NO/058 - Viking-I finaliza a primeira fase da espetacular investigação
Número 15 - páginas 58 a 64.
- NO/059 - DIMA
Número 16 - página 47.
- NO/060 - O irmão do monstro de Loch Ness
Número 16 - páginas 47 a 48.
- NO/061 - Entre o blefe e a sinceridade
Número 16 - páginas 48 a 52.
- NO/062 - A Criação não é um mito
Número 16 - página 52.
- NO/063 - Acervo de Audiovisuais da Sociedade Criacionista Brasileira
Número 16 - páginas 53 a 54.
- NO/064 - Vênus obriga a rever conceitos firmados
Número 19 - páginas 69 a 70.
- NO/065 - Os mais desafiadores mistérios da Terra
Número 19 - página 70.
- NO/066 - Criacionismo no Brasil
Número 19 - página 71.
- NO/067 - Orientação do Papa às Universidades Católicas
Número 20- página 65.
- NO/068 - A idade do homem
Número 20 - páginas 66 a 68.
- NO/069 - Pegadas de antepassados do homem
Número 20 - páginas 69 a 71.
- NO/070 - Abordagem evolutiva e não-evolutiva no ensino de Ciências
Número 21 - páginas 61 a 62.
- NO/071 - Burt acusado de falsidade
Número 21 - página 63.
- NO/072 - O movimento anti-ciência
Número 21 - páginas 63 a 65.
- NO/073 - Associação Brasileira de Pesquisa da Criação
Número 22 - páginas 53 a 54.
- NO/074 - André Dreyfus - Depoimento de Zeferino Vaz
Número 22 - páginas 54 a 55.
- NO/075 - Teoria do Universo pode cair
Número 22 - páginas 55 a 56.
- NO/076 - Controvérsia a respeito da linguagem dos símios
Número 22 - páginas 56 a 68.
- NO/077 - Alguns pensamentos medievais sobre a arca
Número 23 - páginas 73 a 74.

- NO/078 - Evidências sobre a época do Dilúvio
Número 23 - páginas 74 a 75.
- NO/079 - Sobre a data do Dilúvio
Número 23 - páginas 75 a 77.
- NO/080 - Encontrar-se-á a Arca de Noé?
Número 23 - páginas 77 a 82.
- NO/081 - Somente o homem possui o dom da linguagem?
Número 24 - páginas 31 a 36.
- NO/082 - Candidato republicano em luta contra Darwin
Número 24 - páginas 37 a 38.
- NO/083 - Folhetos da Sociedade Criacionista Brasileira
Número 24 - página 39.
- NO/084 - A teoria evolucionista sob a mira
Número 24 - páginas 40 a 51.
- NO/085 - A longa noite dos répteis
Número 25 - página 57.
- NO/086 - A fraude de um jesuíta
Número 25 - páginas 58 a 59.
- NO/087 - Ossos e vedetes
Número 25 - página 60.
- NO/088 - Os trapaceiros de avental branco
Número 25 - páginas 60 a 66.
- NO/089 - A Bíblia contra Darwin
Número 25 - páginas 66 a 74.
- NO/090 - Criacionistas ganham outra partida
Número 25 - página 74.

ACERVO DE AUDIOVISUAIS DA SOCIEDADE CRIACIONISTA BRASILEIRA

A Sociedade Criacionista Brasileira, em contato com suas congêneres existentes no exterior, conseguiu reunir um bom número de interessantes palestras gravadas, juntamente com seu roteiro escrito e com as respectivas coleções de diapositivos ilustrativos. Várias dessas palestras já foram traduzidas e estão disponíveis sob a forma de roteiro escrito e da correspondente fita cassete gravada em Português. A Sociedade pode oferecer aos interessados cópias das coleções de diapositivos correspondentes a algumas das palestras, para as quais obteve autorização de duplicação.

A lista seguinte apresenta os títulos e algumas características desse material audiovisual, para informação a nossos leitores.

Produção de “*International Audio Visual Service*”

(1100 Rancho Conejo Blvd, Newbury Park, Califórnia, 91320, U.S.A.)

- 1 - O trovão de Seu poder (The thunder of His power)
47 quadros coloridos, roteiro em Português com 6 páginas
- 2 - No princípio (In the beginning)
56 quadros coloridos, roteiro em Português com 7 páginas
- 3 - O domínio perdido e restaurado (The dominion lost and restored)
38 quadros coloridos, roteiro em Português com 6 páginas
- 4 - À Sua imagem (In His image)
45 quadros coloridos, roteiro em Português com 7 páginas
- 5 - A história do dilúvio e a ciência moderna (The Flood story and modern science)
48 quadros coloridos, roteiro em Português com 7 páginas
- 6 - A história dos fósseis (The story of the fossils)
47 quadros coloridos, roteiro em Português com 7 páginas
- 7 - A grande catástrofe (The great catastrophe)
57 quadros coloridos, roteiro em Português com 8 páginas
- 8 - Adorai o Criador (Worship the Creator)
48 quadros coloridos, roteiro em Português com 7 páginas

Produção de “*Creation Science Research Center*”

(6709 Convoy Court, San Diego, Califórnia, 92111, U.S.A.)

- 9 - Fósseis, estratos e evolução (Fossils, strata and evolution)
114 quadros coloridos, roteiro em Português com 13 páginas
- 10 - A origem do Sistema Solar (The origin of the Solar System)
123 quadros coloridos, roteiro em Português com 15 páginas.
- 11 - Em busca de vida extra-terrena (Search for extra-terrestrial life)
116 quadros coloridos, roteiro em Português com 13 páginas.
- 12 - À procura da arca de Noé (Search for Noah's Ark)
109 quadros coloridos, roteiro em Português com 9 páginas

Produção de “*Bible-Science Association Inc.*”

Box 1016, Caldwell, Idaho, 83605, U.S.A.)

- 13 - A necessidade do Criacionismo (The necessity for Creationism)
102 quadros coloridos, roteiro em Português com 9 páginas
- 14 - À procura da arca de Noé (The Search for Noah's Ark)
125 quadros coloridos, roteiro em Português com 13 páginas

Serão traduzidas as seguintes coleções, que estarão disponíveis também sob a forma de roteiro escrito e da correspondente fita cassete gravada em Português:

Produção da “Pacific Meridian Publishing Co.”
(13540 Lake City Way NE, Seattle, Washington 98125, U.S.A.)

15 - Cataclisma no espaço (Cataclysm from Space)

Produção de “Creation Science Research Center”
(6709 Convoy Court, San Diego, Califórnia 92111, U.S.A.)

16 - Montanhas do Ararat (Mountains of Ararat)

Produção de “Bible-Science Association Inc.”
(Box 1016, Caldwell, Idaho 83605, U.S.A.)

- 17 - O Grande Canyon (Canyon of Canyons)
- 18 - A Arca de Noé.(Noah's Ark)
- 19 - O Parque das Geleiras e a Bíblia (Glacier Park and the Bible)
- 20 - De quem é o mundo? (Whose World?)
- 21 - Dinossauros há 4000 anos (Dinosaurs 4000 years ago)
- 22 - Série “O Átomo Fala” (The Atom Speaks Series)
 - a) No Princípio (In the Beginning)
 - b) Planejado para Dissolução (Designed for Dissolution)
 - c) Sem lugar para Esconder-se (No Place to Hide)
 - d) Novos Céus e Nova Terra (New Heavens and New Earth)

Produção de “Outdoor Pictures”
(Box 277, Anacortes, Washington 98221, U.S.A.)

- 23 - Dinossauros (Dinosaurs)
- 24 - Aves de Galápagos (Birds of Galapagos)
- 25 - Répteis de Galápagos (Reptiles of Galapagos)
- 26 - Ecologia de Galápagos (Ecology of Galapagos)

São disponíveis também os seguintes video-teipes copiados de filmes coloridos de 16 mm, com a respectiva dublagem em Português, produzidos por entidades criacionistas estrangeiras:

- 27 - O Registro Fóssil (The Fossil Record)
- 28 - Quem é Você? (Who Are You?)
- 29 - Evolução e Criação - Dois Modelos (Evolution and Creation Two Models)

S

ÉRIE “DE OLHO NAS ORIGENS”

(Esta Nota foi acrescentada à primeira edição deste número da Folha Criacionista)

Programas exibidos na TV NOVO TEMPO em parceria com a Research Society Foundation da Turquia e Rod Walsh da Austrália

Estão sendo disponibilizadas pela Sociedade Criacionista Brasileira as seguintes coleções, que já estão também disponíveis sob a forma de fitas de vídeo e em DVD dubladas em Português:

NÍVEL 1 – PARA ADOLESCENTES DAS PRIMEIRAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

- O MILAGRE DA ABELHA
- A VESPA DE PAPEL
- A MIGRAÇÃO DAS BORBOLETAS
- A LIBÉLULA
- O CASTOR
- O PÁSSARO TECELÃO
- OS INSETOS
- OS CUPINS
- A ARANHA
- A FANTÁSTICA VIAGEM DO SALMÃO
- A CRIAÇÃO DO CAMELO
- ARQUITETURA NA NATUREZA

NÍVEL 2 – PARA ADOLESCENTES DAS ÚLTIMAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

- OS VAGALUMES
- O ESPLendor DOS MARES
- IMITAÇÃO E SEMELHANÇA
- CAMUFLAGEM DE PLANTAS E ANIMAIS

NÍVEL 3 – PARA JOVENS DO ENSINO MÉDIO

- O REGISTRO FÓSSIL
- O ENGANO DA EVOLUÇÃO
- A ORIGEM DOS SERES VIVOS
- O MILAGRE DA CÉLULA
- A ARCA DE NOÉ

Nota – Os interessados poderão solicitar estas coleções diretamente à Sociedade Criacionista Brasileira por e-mail e visualizar os clipes dos filmes no site: <http://www.tvorigens.com.br>

ESTATUTOS DA SOCIEDADE CRIACIONISTA BRASILEIRA

Denominação de Propósito

- Artigo 1 - O presente estatuto regerá a Sociedade ora organizada, denominada Sociedade Criacionista Brasileira.
- Artigo 2 - A finalidade principal dessa Sociedade será a divulgação de evidências, resultantes de pesquisas, que apoiem a tese de que o mundo físico, incluindo as plantas, os animais e o homem, são o resultado de atos criativos diretos de um Deus pessoal.
- Artigo 3 - A Sociedade divulgará também interpretações de literatura científica versando sobre o problema da origem do universo e da vida.
- Artigo 4 - A Sociedade terá finalidades exclusivamente educacionais e científicas, não visando fins lucrativos.

Princípios Fundamentais

- Artigo 5 - A Bíblia é a Palavra de Deus escrita, e por ser no seu todo inspirada, todas as suas proposições são verdadeiras histórica e cientificamente, da maneira como escritas originalmente.
Parágrafo único - Para o estudioso da natureza isso significa que o relato das origens, como apresentado no livro de Gênesis, é uma exposição real de simples verdades históricas.
- Artigo 6 - Todos os tipos básicos de seres vivos, inclusive o homem, foram criados por atos criativos diretos de Deus durante a Semana da Criação descrita no livro de Gênesis.
Parágrafo único - Quaisquer mudanças biológicas ocorridas desde então, somente acarretaram alterações dentro das espécies originalmente criadas.
- Artigo 7 - O Dilúvio descrito no livro de Gênesis foi um fato histórico, universal em sua extensão e efeito.
- Artigo 8 - A Sociedade receberá como membros, portadores de diplomas universitários, estudantes universitários e pré-universitários, que aceitem a Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador.
Parágrafo único - O relato da criação especial de Adão e Eva como o primeiro casal de seres humanos, e a sua posterior queda em pecado, é a base para tal fé na necessidade de um Salvador para toda a humanidade, de tal maneira que a salvação só pode ser alcançada mediante a aceitação de Jesus Cristo como nosso Salvador.

Filiação

- Artigo 9 - Todos os membros da Sociedade subscreverão os Princípios Fundamentais estabelecidos nos artigos de 5 a 8, e continuarão a ser membros enquanto aceitarem aqueles Princípios Fundamentais.
- Artigo 10 - Os membros da Sociedade contribuirão para a divulgação dos seus propósitos, mediante a compra das publicações por ela efetuadas.
- Artigo 11 - A filiação à Sociedade será dividida em duas classes
a) Membros com direito a voto - limitada a portadores de diploma universitário.
b) Membros sem direito a voto - compreendendo os demais membros.

Organização

- Artigo 12 - Os componentes do Conselho Diretor da Sociedade deverão ser membros da Sociedade, com direito a voto.

- Artigo 13 - O Conselho Diretor deverá ser eleito pelos membros da Sociedade com direito a voto, pelo período de três anos, com um terço dos seus componentes eleito anualmente.
- Artigo 14 - A Diretoria será eleita anualmente por voto secreto, pelo Conselho Diretor, dentre os seus componentes.
- Artigo 15 - Os cargos de componentes do Conselho Diretor, bem como da Diretoria, não poderão ser remunerados.
- Artigo 16 - Será realizada anualmente uma reunião do Conselho Diretor, em local e época oportunamente escolhidos pelo próprio Conselho, o quorum sendo dado pela maioria absoluta dos seus componentes.
- Artigo 17 - Nas reuniões do Conselho Diretor poderão ser efetuadas modificações neste Estatuto, por voto secreto e maioria de dois terços dos componentes do Conselho, desde que as propostas de modificações sejam divulgadas junto aos membros com direito a voto, com antecedência de pelo menos três meses.
Parágrafo único - Excetuam-se neste artigo modificações nos artigos de 5 a 8, relativos aos Princípios Fundamentais, que não poderão ser feitas em nenhuma circunstância.
- Artigo 18 - Tornando-se necessária ou desejável a dissolução desta Sociedade, o Conselho Diretor em exercício designará uma entidade que se interesse pela continuação das suas atividades, para ser a depositária dos seus bens eventuais, arquivos, publicações, etc.

Observação:

No número 62 da Folha Criacionista foram publicados os novos Estatutos da Sociedade Criacionista Brasileira, mantendo integralmente os princípios fundamentais acima expressos.